

Honduras e o retorno de Tio Sam

Honduras and the return of Uncle Sam

JOSÉ FLÁVIO SOMBRA SARAIVA*

Meridiano 47 n. 111, out. 2009 [p. 3 a 4]

Honduras, país de importância modesta para os grandes atores do teatro internacional, fez-se centro de crise em 2009. Crise rima com América Central. Nos tempos da Guerra Fria emergiu a crise da Guatemala de 1954. Foi lá o primeiro experimento das *cover operations* da CIA na América Latina. Um regime político que propunha modernização social foi substituído por um regime de exceção, sob a batuta de Washington. Tio Sam exportava valores e armas para as elites bananeiras e cafeeiras.

Da guerra do futebol entre Honduras e El Salvador às mudanças políticas nos anos 1980, como a elevação da ideologia sandinista, as influências cubanas, entre outros casos, caracterizam a história das relações internacionais da América Central. Mas apesar dos governos mais à esquerda na região nos dias de hoje, a marca histórica da inserção internacional de tais países é a obediência religiosa aos ditames ianques.

Os Estados Unidos, garante da ordem, elegeram o México como o mediador de seus interesses. Tocava aos mexicanos o controle intermediário das potenciais “migrações perigosas” de gente de tais países. Cumpriram bem o México seu papel nos anos 1980 e 1990. Mas perdeu esse papel nos últimos anos.

No vácuo de poder na América Central entraram vários novos atores, como o Brasil e seus empresários, a Venezuela e sua ideologia, e eventualmente o longínquo Irã, com sua ativa embaixada em Manágua. A América Central ficou no vácuo entre uma área de formação de integração na América do Sul e a ane-

xação diplomática e comercial exercida pelos Estados Unidos no México por meio do TLC.

Tio Sam retorna gradualmente a América Central. Obama, cuidadoso em evitar interferências explícitas, já atua fortemente nos bastidores para garantir a tendência de solução da crise que se alastra há várias semanas. Em que consiste a estratégia norteamericana? Primeiro deixaram os embaixadores da OEA desfilarem seus cordões de argumentos a favor de uma solução negociada entre as partes pela boa vontade dos dois presidentes em contenda. Sabia-se que isso não prosperaria dado o grau de entrenchamento de posições.

Segundo, os diplomatas norte-americanos resolveram trabalhar com o fator tempo, fator essencial na política internacional, sabendo que tudo se dilui no decurso do prazo. Terceiro e último, e o mais importante, iniciou nesses dias a fase das pressões diretas, embora mais discretas que os métodos do tempo do porrete ou das *cover operations*. Apostam na permanência do governo de fato em Honduras e estão tratando de garantir as eleições que se aproximam. Realizadas as eleições, a feição de Honduras será outra, será o do vencedor do escrutínio, será a nova quadra histórica, sem Zelaya ou Micheletti.

Lição da história: o velho Tio Sam, tido como personagem do passado, vem demonstrando inteligência tática. Exibindo poder demais e bom conhecimento de campo das elites da América Central, propõem os negociadores norte-americanos uma saída pela via do novo tempo, pós-eleitoral, com o candidato escolhido

* Professor titular de Relações Internacionais da Universidade de Brasília, pesquisador do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq e diretor-geral do Instituto Brasileiro de Relações Internacionais – IBRI (fsaraiva@unb.br)

no sufrágio de novembro. Não estamos longe de uma solução oriunda do decurso do prazo.

Recebido em 29/10/2009

Aprovado em 30/10/2009

Resumo: O artigo trata da recente crise política de Honduras. Nesse sentido, avalia o comportamento dos Estados Unidos no evento.

Abstract: The article deals with the recent political crisis in Honduras. It analyzes the behavior of the United States in the event.

Palavras-chave: Honduras, Estados Unidos

Key words: Honduras, United States

